

**Revista de Literatura,
História e Memória**



Seção: Pesquisa em Letras no contexto
Latino-americano e Literatura, Ensino e
Cultura

ISSN 1983-1498

VOL. 15 - Nº 25 - 2019

UNIOESTE/CASCAVEL - P. 215-228

**A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA:
UMA ANÁLISE DO LIVRO *BAR DON JUAN*¹**

**La relación entre historia y literatura: un análisis del libro
*Bar Don Juan***

Camila Regina Fontana²

RESUMO: No Brasil, a partir da ditadura militar, difundiu-se um tipo de literatura não só preocupada com a estética e o entretenimento, mas também com questões políticas e sociais. Dentro dessa literatura, conhecida como literatura engajada, encontramos os romances produzidos pelo escritor e jornalista Antônio Callado. Por tratar-se de um jornalista com atividades movimentadas em grandes jornais brasileiros, o autor possuía grandes conhecimentos a respeito das situações políticas e sociais

que o país enfrentava nesta época. Dessa forma, as situações reais vivenciadas no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1970, serviram como tema principal para as suas principais obras. Dessas obras, destacamos e analisamos neste artigo o romance produzido em 1971, intitulado *Bar Don Juan*, nele, Callado narra a tentativa de revolução de um grupo de militantes de esquerda contra um governo ditatorial. Dentro deste contexto, o presente trabalho objetiva realizar uma breve análise do livro a partir das postulações de uma literatura engajada. Além disso, busca-se discutir sobre a relação entre história e arte, na qual, as obras produzidas durante a ditadura podem ser vistas como documentos históricos. Para tanto, utilizaremos como principais fontes de pesquisas os trabalhos de Agazzi (1998), Cruz (2005), Silva (2010) entre outros.

PALAVRAS CHAVE: Literatura Engajada; Bar Don Juan; Ditadura Militar; Antônio Callado; Romance.

RESUMEN: En Brasil, a partir de la dictadura militar, se difundió una especie de literatura no solamente preocupada con la estética y el entretenimiento, pero también con cuestiones políticas y sociales. Dentro de esa literatura, conocida como literatura comprometida, encontramos las novelas producidas por el escritor y periodista Antônio Callado. Por tratarse de un periodista con actividades transitadas en grandes periódicos brasileños, el autor poseía grandes conocimientos con respecto a las situaciones políticas y sociales que el país atravesaba en esa época. De esa forma, las situaciones reales vividas en Brasil, entre las décadas de 1960 y 1970, sirvieron como tema principal para sus obras. De estas obras, destacamos y analizamos en ese artículo la novela producida en 1971, llamada *Bar Don Juan*, en ella, Callado narra el intento de revolución de un grupo de militantes de izquierda contra un gobierno dictatorial. En ese contexto, el presente trabajo tiene como objetivo realizar un breve análisis del libro a partir de las aplicaciones de una literatura comprometida. Además, se busca discutir sobre la relación entre historia y arte, en la cual, las obras producidas durante la dictadura pueden ser vistas como documentos históricos. Para ello, utilizaremos como principales fuentes de investigaciones los trabajos de Agazzi (1998), Cruz (2005), Silva (2010) entre otros.

PALABRAS-CLAVE: Literatura Comprometida; Bar Don Juan; Dictadura Militar; Antônio Callado; Novela.

¹ Trabalho apresentado a Faculdade São Braz para obtenção do título do Curso de Pós Graduação “Latu Sensu” em Literatura Brasileira, no ano de 2018.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *campus* Chapecó. Bolsista do Programa de Demanda Social - CAPES, conforme Edital Nº 858/GR/UFFS/2018.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a literatura brasileira caracterizou-se como uma ferramenta de denúncia das barbáries geradas pela Ditadura Militar, uma vez que, os meios de comunicação mais eficientes foram censurados nesse período histórico. Dentro deste contexto, discorreremos neste trabalho acerca da obra *Bar Don Juan*, que foi publicada em 1970 por Antônio Callado. *Bar Don Juan* narra a história de um grupo de amigos e intelectuais da classe média do Rio de Janeiro, que se uniram por um mesmo propósito, iniciar uma revolução no país.

Callado iniciou sua produção literária em 1951, e teve como principais obras: *Quarup* (1967), *Bar Don Juan* (1970), *Reflexos do Baile* (1978) e *Sempre Viva* (1981) que foram escritas em sintonia com o seu momento histórico. As quatro versam sobre política, o índio e a história do Brasil em um dos piores momentos que o país vivenciou, a ditadura militar.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre a relação entre história e arte, principalmente, sobre literatura engajada, além de discutir sobre as características da obra *Bar Don Juan*, bem como, relacioná-la com o contexto em que ela foi inserida na sociedade. Ainda, analisar aspectos relacionados à estrutura e o conteúdo. Além disso, destacamos a importância, por exemplo, da escolha de um Bar como cenário de destaque e também o papel da mulher na sociedade. Para tanto, utilizaremos como principais fontes de pesquisas os trabalhos de Agazzi (1998), Cruz (2005), Silva (2010), entre outros.

Com relação à organização do trabalho, primeiramente discutiremos sobre o período e o cenário em que este livro está inserido, ou seja, a ditadura militar. Posteriormente, abordaremos algumas reflexões sobre as obras do escritor e sobre o tipo de literatura em que essa obra pertence. Para finalizar, analisaremos a obra em questão.

2 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Nesta etapa do trabalho, trouxemos algumas reflexões acerca do tema desta pesquisa, ou seja, a relação entre história e arte produzida a partir de uma breve análise do livro *Bar Don Juan*, escrito por Antônio Callado, importante escritor brasileiro. Para tanto, primeiramente discutimos sobre o período, o cenário em que este livro está inserido, ou seja, a ditadura militar, como já dito anteriormente. Em seguida, abordaremos algumas reflexões sobre as obras do escritor e sobre o tipo de literatura em que essa obra pertence. Para finalizar, analisaremos a obra em questão.

2.1 O PERÍODO DITATORIAL NO BRASIL

O período ditatorial foi instaurado no Brasil a partir do golpe militar ocorrido em 31 de março de 1964, momento em que o então presidente João Goulart foi deposto. O presidente deposto assumiu a presidência no ano de 1961 após a renúncia de Jânio Quadros. Nesse contexto de renúncia, a presidência fica a cargo de João Goulart que era o sucessor imediato. No entanto, a chegada do novo presidente não foi pacífica, mas sim, marcada conforme pontua Segatto (2014), pela movimentação contrária dos militares das três forças, que eram instados pelos setores antidemocráticos das classes privilegiadas. Desse modo, Goulart assume a presidência após uma grave crise política, além de mobilizações e ameaças de guerra.

Ainda nesse viés, “O governo Jango, acossado pela direita e pela esquerda, viveria o tempo todo na ‘corda bamba’, sob dois fogos” (SEGATTO, 2014, p. 45). Ou seja, de um lado, a direita e o imaginário anticomunista que tentavam bloquear as reformas e também desestabilizar o governo. Do outro, a esquerda que se esforçava para movimentar o governo para a tomada de posições cada vez mais radicais. Com esses dois pesos, a corda não resiste por muito tempo, isso é “Combatido ferozmente pela direita e pressionado severamente pela esquerda, o governo foi sendo desgastado, caminhando para o isolamento, o que engendrou uma crise difícil de ser equacionada.” (SEGATTO, 2014, p. 47)

Ainda de acordo com o autor citado anteriormente, foi no curto governo de Goulart que pode se perceber momentos democráticos, visto que, estamos fazendo referência à um período histórico marcado pela exclusão e autoritarismo. Nesse contexto, cabe mencionar que esse pequeno espaço de tempo foi marcado, conforme Segatto (2014), pela agitação de vários movimentos e reivindicações que demonstravam [...] “o alargamento das liberdades, a expansão dos direitos de cidadania, o encorpamento e a autonomização, ainda que relativa, da sociedade civil.” (SEGATTO, 2014, p. 42).

Segundo Valle (2014), o presidente anunciou as desapropriações de terras, a nacionalização das refinarias de petróleo, uma reforma eleitoral, garantindo o voto para analfabetos, e uma reforma universitária, entre outras. Ainda nesse viés, Segatto (2014), considera que:

O governo de João Goulart, do início ao fim, da posse à destituição – assolado por constantes crises de poder e institucionais, associadas à adversidades econômico-financeiras (inflação alta, crescimento baixo, carência de investimentos e ameaça de recessão) – viveu o tempo todo num equilíbrio instável, caminhando no ‘fio da navalha’. (SEGATTO, 2014, p. 44).

Assim, de um lado o governo está marcado pela inflação nas alturas, pela agitação e a organização de vários grupos comunistas. Já do lado dos adversários do governo, há uma corrida para acelerar os planos de um futuro golpe.

Nesse contexto o golpe de 64 é lançado com o objetivo de evitar os avanços democráticos do governo Goulart, tratado na época como comunista. Conforme aponta Bandeira (2014),

O golpe de Estado, que derrubou o governo constitucional do presidente João Goulart, triunfou em 1º de abril 1964 e, em homenagem ao Dia da Mentira, logo se denominou Revolução Redentora, antecipando a data para 31 de março, ao mesmo tempo em que, a pretexto de defender a democracia, destruía a democracia e implantava uma ditadura militar. (BANDEIRA, 2014, p. 25).

Dessa forma, no dia 31 de março de 1964, as forças armadas assumiram o país e o atual presidente foi deposto de seu cargo e refugiou-se no Uruguai. A partir deste dia o Brasil foi comandado por uma junta de militares.

Mais tarde, em 9 de abril do mesmo ano, através do Ato Institucional nº 1, que permitiu que o congresso elegeisse um novo presidente, Alencar Castelo Branco foi eleito. Nesse sentido, uma nova época iniciou-se no país. Segundo Valle (2014), a nova forma de governar tinha como objetivo fortalecer o poder executivo. Além disso, os partidos políticos foram extintos e surgiu o bipartidarismo.

Este período foi marcado por extrema violência, em que foram combatidos os opositores do governo. Pinto (s/d) destaca prisões arbitrárias, torturas, estupros e assassinatos que foram realizados pelas forças militares e policiais no país. De acordo com o autor, desde o primeiro momento, direitos políticos foram cassados, instaurando ainda uma rígida censura aos diversos meios de comunicação e à expressão literária e artística da população.

Cabe destacar, segundo Pinto (s/d), que economicamente o país cresceu rapidamente, entretanto, a população estava descontente com a situação que se encontravam. Todavia, foi somente a partir de 1974, que algumas aberturas foram dadas. Essas aberturas tinham como objetivos restaurar a liberdade política e democrática. Em 1979, a partir de inúmeras manifestações, foi decretada anistia a inúmeros envolvidos no regime militar. No entanto, o esgotamento deste governo, ocorreu a partir de manifestações para eleições presidenciais, essas manifestações ficaram conhecidas como diretas já.

Entretanto, mesmo com todos os movimentos, não ocorreram eleições democráticas e mais tarde Tancredo de Almeida Neves foi eleito presidente do Brasil, pelo colégio eleitoral. Contudo, dentro deste cenário, marcado por censura, barbáries, torturas, violência,

autoritarismo, foi escrito o romance que será analisado neste trabalho, escrito por Antônio Callado, em 1971, intitulado *Bar Don Juan*.

Dessa forma, a seguir discutiremos sobre as características marcantes das principais obras deste escritor, que com seus livros conseguiu driblar a censura presente na época.

2.2 OS ROMANCES DE ANTÔNIO CALLADO

Antônio Carlos Callado foi um jornalista, romancista, biógrafo e teatrólogo, que nasceu em Niterói, no Rio de Janeiro, em 26 de janeiro de 1917, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 28 de janeiro de 1997³. Por tratar-se de um jornalista com atividades movimentadas em grandes jornais brasileiros, o autor possuía grandes conhecimentos a respeito das situações políticas e sociais que enfrentava o país no período ditatorial.

De acordo com Silva (2010), as situações reais vivenciadas no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1970, serviram como tema principal para as importantes obras de Callado. Para Fanini e Souza (2013)

Em suas obras Callado se debruça sobre fatos e acontecimentos reais, produzindo história. A sua produção ficcional, compromete-se em levantar a história dos vencidos. Essa construção da memória nacional objetiva corroborar para a transformação social, evitando resgatar o passado sob o ângulo da idealização ou do culto à tradição. Além dessa participação nos fatos via literatura, o escritor escreve sobre o que presenciou e viveu diretamente. (FANINI, SOUZA, 2013, p. 06).

Nas obras de Antônio Callado é possível encontrar o comprometimento político do autor. Nesse contexto, Callado destacou-se como romancista a partir das obras *Assunção de Salviano* (1954) e *Madona de Cedro* (1957), em que a religiosidade era o tema central de ambas. Segundo Cruz (2003), “Temas como utopia, desencanto, desilusão, amargura, ironia etc. foram recorrentes e, como observou Almeno Bastos a narrativa de Callado propunha-se interpretar a realidade brasileira, irredutível, do maniqueísmo de uma simples luta entre ‘bons’ e ‘maus’ brasileiros”. (CRUZ, 2003, p. 05)

Com relação aos romances engajados, ou seja, os romances de cunho político destacam-se as obras: *Quarup* (1967), *Reflexos do Baile* (1978), *Sempreviva* (1981) e *Bar Don Juan* (1971), nas quais, os personagens principais possuem um posicionamento político e partidário.

³ Informações biográficas disponíveis no site da Academia Brasileira de Letras, no endereço que segue: <http://www.academia.org.br/academicos/antonio-callado/biografia>
<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Compreendemos, a partir de Agazzi, (1998), que em *Bar Don Juan*, Callado, quer documentar os anos que encerram a ditadura militar, mas não só, pois ele também mostra as consequências sofridas pela esquerda.

Agazzi (1998), pondera também, que o romancista busca em suas obras resgatar uma história, ou melhor construir uma memória acerca da história da esquerda no Brasil, nas palavras da autora “O desenvolvimento do romance vai, pouco a pouco, desenhando uma visão bastante ousada das ações das esquerdas, uma vez que não as poupa de críticas agudas contra o comportamento dos revolucionários[...]” (AGAZZI, 1998, p. 97)

Ademais, segundo Fanini e Souza (2013), “Callado problematiza as relações entre o intelectual e a comunidade, revelando as dificuldades e as contradições que se interpõem entre a produção artística e a função social” (FANINI E SOUZA, 2003, p. 18). Em seus romances o autor detém uma preocupação em demonstrar que sua arte não se distancia do contexto real vivido no país, da mesma forma, este destaca a literatura como uma forma de transformação social, na qual, é possível que exista uma igualdade e empatia entre os cidadãos e a importância do autor/intelectual agir como transformador social. Contudo, as mesmas autoras destacam que em nenhuma das obras de Callado existe imparcialidade, os personagens não são neutros e lutam por ideais políticos e sociais, de acordo com as convicções de seus partidos.

Constatamos em nosso estudo que há uma preocupação do autor em documentar, por meio da literatura as barbáries que foram trazidas com a Ditadura. Nesse viés, Cruz (2005), faz algumas considerações acerca das obras que se encaixam naquilo que chamamos de literatura engajada. *Quarup* (1967) “[...] tem o enredo imbuído pela utopia da transformação político-social do país, [...]” (CRUZ, 2005, p. 5). Já os romances que os sucederam, dentre eles aquele que é analisado nesse trabalho, indicam o descontentamento com o atual período que acometia o país.

2.3 A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E ARTE: A LITERATURA ENGAJADA E SUA FUNÇÃO SOCIAL

De acordo com Cruz (2003), “A relação da obra de arte com seu momento histórico, parte do que Antônio Cândido chamou de relação “texto” e “contexto”, ou seja, como o contexto influencia a obra e, posteriormente, ela o influenciará ao atingir o seu fim, o “público”” (CRUZ, 2003. p. 5). Dessa forma, compreendemos que literatura e história não são fatores isolados, ou seja, ambos se complementam. Sobre esta interdependência, Sevcenko, s/d, apud, Sinhori e Gomes (2010) salienta que,

(...) Nem reflexo, nem determinação, nem autonomia: estabelece-se entre os dois campos uma relação tensa de intercâmbio, mas também de confrontação. A partir dessa perspectiva, a criação literária revela todo seu potencial como documento, não apenas pela análise das referências esporádicas a episódios históricos ou do estudo profundo dos seus processos de construção formal, mas como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou produção. (...) (SEVCENKO, s/d, p. 246, apud, SINHORI, GOMES, 2010, p.87).

Dentro deste viés, encontramos a literatura engajada, uma literatura comprometida não somente com o estético e entretenimento, mas também com os problemas políticos e sociais presentes nos contextos que os autores estão ou estavam inseridos. Sobre a compreensão da literatura engajada, Benoît Denis, apud, Cruz, salienta que:

Tratando-se de literatos e de literatura, percebe-se imediatamente que o que está em causa no engajamento é fundamentalmente as relações entre o literário e o social, quer dizer, a função que a sociedade atribui à Literatura e o papel que esta última admite aí representar. No sentido escrito, o escritor engajado é aquele que assumiu, explicitamente, uma série de compromissos com relação a coletividade, que ligou-se de alguma forma a ela por uma promessa e que joga nessa partida a sua credibilidade e sua reputação (BENÔIT, 2002, p. 31, apud, CRUZ, 2005, p. 05).

Com relação à função social da literatura Lauxen (2014) pontua que existem dois tipos de literatura: aquela que atua como passatempo, descontração e a outra que existe para incomodar, deixar o sujeito inquieto. Para o autor, essa segunda assume uma função social de extrema importância na sociedade. Segundo Lauxen, a literatura cumpre seu papel social quando faz com que o leitor interaja com o mundo ao seu redor, ou seja, quando o sujeito, reflete, raciocina e discute sobre aquilo que leu, reconhecendo diferentes pontos de vistas.

No Brasil, para Cruz (2005), este tipo de literatura ganhou força a partir do golpe militar de 1964, quando cinema, música, teatro, arte e literatura iniciaram um movimento no qual uniu-se a estética e a política como forma de denúncia e repressão à censura do governo autoritário da época. Segundo Cruz,

A geração de escritores que a representava, foi definida de inúmeras maneiras. Antônio Cândido a denominava de “geração da repressão”, e Lígia Chiappini, de “geração da representação”. “Representação” porque “assumem a tarefa de dar conta dos fatos que a imprensa censurada não pode narrar e que só a Literatura parecia poder salvar do esquecimento”. (CRUZ, 2005, p. 07).

Sobre este viés, Silva (2010) considera que os romances produzidos neste período podem ser considerados como fontes históricas, uma vez que entrelaçavam em suas páginas fatos cotidianos e reais deste período. Além disso, a mesma autora destaca que este tipo de engajamento tinha como objetivo encontrar uma via através da qual as questões sociais, as ideologias e os sistemas econômicos pudessem ser discutidos por meio da literatura.

Além disso, Larizatti (1998) pondera que a literatura produzida dentro deste período, como destacado anteriormente, não se rendeu à censura que penetrava em todos os âmbitos sociais, como por exemplo, universidades, meios comunicativos e afins. Entretanto, de acordo com a autora, foi somente a partir da década de 1980, com a lei da anistia, que as obras produzidas naquela época passaram a ser estudadas como fontes históricas.

Desta forma, compreendemos que a literatura engajada pode ser considerada um instrumento de transformação no quadro social, isto é, obras engajadas com a política, que traziam ao leitor informações censuradas de fatos que os rodeavam, permitindo assim, que muitos destes acontecimentos não fossem esquecidos. Nesse sentido, Cruz (2005), pondera que a obra *Bar Don Juan* se insere no que ela chama de arte de resistência ao pós-golpe, que surge para internalizar as representações político-sociais da época.

Neste contexto, o escritor e jornalista Antônio Callado, segundo Larizatti (1998) pode ser considerado um dos autores mais significativos de seu tempo, pois conseguiu driblar as armadilhas violentas da censura da época e permitiu que suas obras fossem estudadas e lidas mais tarde. Dentre elas, está o romance *Bar Don Juan*, que traz em suas páginas uma história engajada, que trabalha com a crítica acerca de um período que marcou o país. Em seguida, realizaremos uma breve análise da obra, pensando a partir da literatura engajada.

3 O ROMANCE BAR DON JUAN: UMA ANÁLISE A PARTIR DA LITERATURA ENGAJADA

De acordo com Cruz (2005), o projeto de Callado se relaciona com os romances produzidos no período da Ditadura Militar. Período em que as obras, as músicas ou então a arte em geral desempenhava um papel importante para as denúncias, bem como fonte de resistência, conforme já dito anteriormente. Cabe mencionar, conforme aponta Cruz,

[...] para o entendimento de sua ficção, é necessário acentuar a forte influência cubana sobre o Brasil, uma vez que o próprio autor admitiu ter participado do movimento guerrilheiro ligado a Leonel Brizola e revelou a importância de Che Guevara para a sua geração. E, no período em que Callado tecia sua trama

narrativa, muitos brasileiros compactuavam com o ideal cubano de ‘exportar a revolução’ para todo o Terceiro Mundo, começando pela América Latina. (CRUZ, 2005, p. 6).

O romance *Bar Don Juan* foi publicado logo após a obra de maior sucesso de Antônio Callado, *Quarup* de 1967. Na época em que foi lançado, não obteve uma crítica positiva, pois, a maioria de seus leitores, e inclusive, a crítica especializada, esperava encontrar nele uma espécie de continuidade da obra anterior, o que de fato não aconteceu. Diferente de *Quarup*, que apresentava uma transformação no contexto social, *Bar Don Juan* narra a história de um grupo de intelectuais, esquerdistas, que criou um projeto utópico de revolução.

O desdobramento e o enlace deste projeto são compostos por três partes, divididas em 12 capítulos, que seguem uma sequência temporal. A primeira parte do livro foi destinada para uma espécie de introdução, que apresenta ao leitor como este projeto é organizado e por quem, já a segunda parte é a execução, e por fim, a terceira, o desfecho da trama.

Desta maneira, temos como personagens iniciais do romance, João e Laurinha, ambos torturados e violentados por um militar, até então um sujeito de rosto desconhecido. Num primeiro momento, há uma sede de justiça, talvez vingança, direcionada a um sujeito representado pela personagem “Salvador”. Após muito pressionar Laurinha que havia sido vítima do torturador, João consegue construir um perfil e em uma de suas idas ao Bar Don Juan o reconhece. A partir disso inicia-se uma busca diária que objetiva puramente a vingança.

João hesitou, tratando de resolver rápido qual a melhor maneira de descobrir em que apartamento morava Salvador sem diretamente segui-lo pelas escadas e corredores ou pelo elevador, se houvesse, mas nada disso foi necessário, pois Salvador já enfiava a chave no primeiro apartamento à direita, 101, rés-do-chão. Antes de Salvador fechar a porta atrás de si João ouviu uma animado voz de menino, que dizia estridente alguma coisa sobre uma bicicleta e um sanhaço, e uma voz de mulher. (CALLADO, 1971, p.17).

Neste trecho, a personagem João percebe que o torturador é um cidadão comum e que está agindo em favor de um membro superior, ou seja, o Governo. Com isso, compreende que o problema não é uma única pessoa, mas sim um conjunto. De acordo com Agazzi (1998, p. 99), “João é o representante desse homem, imerso na elite ilustrada e conquistada pelas ideias das revoluções socialista e cubana. Cego para a realidade brasileira e incapaz de perceber o poder e a força do regime, [...]”.

A partir desse momento, surge a ideia de elaborar um plano revolucionário, isto é, um projeto voltado para a mudança do quadro político brasileiro atual. Para isso, contará com a

ajuda de seus amigos: Mansinho, Murta, Geraldino, Gil e Mariana frequentadores do Bar que é ponto de encontro das discussões e planejamentos. De acordo com as considerações de Agazzi (1998),

O espaço que concentra as atenções do leitor na primeira parte da narrativa é um bar, batizado pelo dono de ‘Don Juan’ em homenagem a João, o romântico incansável paquerador das noites cariocas. Nesse bar, em meio a profundos goles de uísque e a fofocas sobre mulheres, João convida e convence alguns amigos – que vivem suportando intermináveis ressacas – a formarem um grupo revolucionário. (AGAZZI, 1998, p. 103).

Cabe destacar, que este grupo de amigos é formado por intelectuais da classe média, que não possuem um conhecimento concreto de como organizar uma revolução, por outro lado entendem que precisam agir de alguma forma para romper com as cordas que lhes deixam amordaçados.

Para Cruz (2005), a inexperiência do grupo fica evidente ao escolher um bar como ponto de encontro para discussão e elaboração do plano revolucionário. Além disso, a professora destaca a crítica relacionada à “esquerda festiva” proposta por Callado. Ao pensarmos neste termo, de acordo com a autora, podemos referenciá-lo aos intelectuais que se reuniam ao *Bar Don Juan* para beber, fumar e discutir sobre um projeto de revolução, no entanto desconheciam, por exemplo, como utilizar uma arma.

As personagens Mansinho e Murta organizam e executam assaltos para financiar o projeto de revolução, que deveria se concretizar em uma guerrilha na cidade de Corumbá, localizada no Mato Grosso. Nesta cidade, o grupo de amigos se uniria a um ex-militante revolucionário de Cuba, chamado Joelmir, que possuía consigo o armamento que o grupo precisava. Para os autores Ferreira e Rangel (2002), este ponto de encontro, no qual, Joelmir estava à espera refere-se à “teoria do foco”, proposta por Che Guevara, na qual, em diversas cidades latino-americanas deveriam existir pequenos grupos de “focos revolucionários”, podemos confirmar esta afirmação no trecho do livro abaixo:

- Vá rápido, veja se é possível organizar no Brasil um movimento na fronteira da Bolívia.

Uma pergunta dispensável, mas João tinha de fazê-la:

- Há algum brasileiro na guerrilha?

- Nenhum. E o importante – Disse Maldonado com uma sombra de ironia – é que haja brasileiros no Brasil, que se forme uma guerrilha aqui.

- Temos em Mato Grosso o grupo do ex-sargento Joelmir, aguardando ordens de Montevideú. Ele pode criar um foco em território brasileiro

enquanto outro grupo nosso atravessa a fronteira e junta-se ao Che na Bolívia. (CALLADO, 1971 p.88).

Na trama de Antonio Callado, Che Guevara é considerado uma personagem, e aparece pela primeira vez na narrativa, com um nome falso Adolfo Mena. Neste ponto evidenciamos a influência cubana no Brasil, conforme já dito anteriormente. Estudiosos apontam que Cuba financiou movimentos de guerrilha no Brasil através de alguns exilados em outros países, nomes como Brizola e Jango foram relacionados a este ato. Entretanto, o fracasso da possível revolução é eminente na trama, visto que, o grupo não tinha preparo, pois somente um integrante do grupo sabia manusear armas.

Conforme Agazzi (1998, p. 103), “A fragilização do projeto esquerdista que se revela em *Bar Don Juan* arrebanha simpatizantes interessados, prioritariamente, em darem um rumo a suas vidas tão carentes de sentido e proporciona a composição de uma frente de resistência bastante frágil e cheia de contradições.”

Por fim, o personagem Che Guevara é morto e o fracasso da revolução ocorre. No entanto, consideramos relevante discorrer sobre a reorganização do restante do grupo que foi desestabilizado. Agora com a forte presença da mulher que permanece “viva” até o final da trama, já que Laurinha resolve voltar a combater a ditadura, acompanhada de Mariana e Aniceto.

A partir da trama apresentada no livro, é possível perceber que Callado escreve seu romance concomitante ao momento vivido. Em *Bar Don Juan* que é o objeto do nosso estudo, torna-se presente a questão revolucionária, isto é para entendê-la é necessário ter conhecimento do período. Destacamos também a influência cubana sobre o Brasil, influência esta que se faz presente em vários trechos de destaque.

Sobre este romance, Larizatti (1998) salienta que é nítida a preocupação de Callado em divulgar uma história que não seja aquela contada pelo governo autoritário. Neste livro, de acordo com a autora, o escritor resgata as vozes oprimidas e sufocadas pela ditadura militar.

Para Silva (2010),

Bar Don Juan é um dos romances emblemáticos da fase mais truculenta da ditadura militar. Isso porque revela e expõe não apenas a introjeção do sentimento de fracasso, mas as fragilidades de sua própria construção estética. Tais fragilidades se justificam, segundo a crítica, pela própria tentativa de revelar, questionar e contestar inúmeros impasses não amadurecidos esteticamente. (SILVA, 2010, p. 15).

Contudo, em *Bar Don Juan* Callado buscou utiliza a literatura como ferramenta social, quando ao driblar a censura da época, da voz aos oprimidos, ou seja, utiliza o livro como fonte de denúncia e crítica às barbáries que eram realizadas por um governo autoritário e torturador. E por fim, ao denunciar os fatos, o romance poder ser lido como documento histórico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler a obra *Bar Don Juan* é fazer uma retrospectiva do passado, com o objetivo de entender a história de um período vivenciado pelos cidadãos brasileiros. História esta, marcada pela extinção dos princípios individuais e de violações humanas em todos os sentidos. Compreendemos que essa obra produz no leitor uma sensação de impotência, uma vez que, a organização de um pequeno grupo de pessoas é barrada pela própria inexperiência. Um misto de sentimentos toma conta de nossa escrita, visto que, não é tarefa fácil escrever acerca de obras que versam acerca da temática em questão.

No entanto, é recompensador perceber que a literatura tem o poder de nos levar para o passado como foi neste caso. Conhecer aspectos desse período, ainda que em momentos fantasiosos, ou seja, que em alguns instantes nos deixamos interpelar pelo romance e não sabemos se aquilo realmente aconteceu ou é algo fantasioso.

Além disso, por meio de obras como esta, podemos pensar no papel em que a literatura exerce na vida do ser humano, por exemplo, no período da ditadura militar, onde as obras eram também utilizadas como instrumentos de denúncia e combate à repressão foi. Destacamos, por fim, que neste período, a literatura, o cinema, o teatro e as artes plásticas andaram juntas contra essa censura e possibilitaram aos indivíduos uma ampliação no campo de visões para o que acontecia no país.

A partir desse trabalho, foi possível entender que as obras de Antônio Callado fazem relação com o momento vivido por ele. Identificamos essa relação no romance analisado, bem como nas entrevistas gravadas por ele e sua esposa, na qual afirmavam os seus preceitos, que iam contra ao período ditatorial.

Dessa forma, concluímos que o romance *Bar Don Juan* pertence a um tipo de literatura comprometida com o contexto em que está inserida, além da estética e do entretenimento. O livro de Callado possibilitou que as vozes oprimidas pelo governo autoritário da ditadura fossem ouvidas e reconhecidas como importantes instrumentos históricos e sociais, por isso o

livro pode ser lido como um documento, pois apresenta um novo ponto de vista da história e dos momentos vividos neste período trágico do país.

REFERÊNCIAS

AGAZZI, Giselle Larizzatti Agazzi. **A crise das utopias: A esquerda nos romances de Antônio Callado**. 1998. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/1998_GiselleLarizzattiAgazzi.pdf Acesso em 26 jul. de 2019.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. A CIA e a técnica do golpe de Estado. In: VALLE, Maria Ribeiro do (Org). **1964 – 2014: Golpe Militar, História, Memória e Direitos Humanos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoiacaoEnsino/LaboratorioEditorial/serie-temas-em-sociologia-n7.pdf>. Acesso em 29 jul. de 2019.

CALLADO, Antônio. **Bar Don Juan**, Civilização Brasileira, 1971.

CRUZ, Cláudia Helena da. **Encontros entre a Criação Literária e a Militância Política: Quarup (1967) de Antônio Callado**. 2003. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000091.pdf>. Acesso em 28 ago. 2018.

CRUZ, Cláudia Helena da. **Bar Don Juan (1971) de Antônio Callado: Impasses políticos e estéticos do romance engajado. Fênix**, 2005. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/pdf2/Artigo%20Claudia%20Helena%20Cruz.pdf>. Acesso em 25 ago. 2018.

FANINI, Angela Maria Rubel; SOUZA, Maurini de. **O trabalho do intelectual na produção romanesca de Antônio Callado: A associação e a contradição entre arte e vida**. 2013. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/viewFile/2343/1479>. Acesso em 07 set. 2018.

LAUXEN, Jana. **História e Literatura: Literatura engajada**, 2014.

PINTO, Tales Dos Santos. "O que é ditadura militar?"; **Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-ditadura-militar.htm>. Acesso em 09 set. de 2018.

SEGATTO, Antônio José. Crise política e derrota da democracia. In: VALLE, Maria Ribeiro do (Org). **1964 – 2014: Golpe Militar, História, Memória e Direitos Humanos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoiacaoEnsino/LaboratorioEditorial/serie-temas-em-sociologia-n7.pdf>. Acesso em 29 jul. de 2019.

SILVA, Giselia, R., D. **Literatura e Utopia revolucionária no cenário brasileiro pós 64**: Bar
Don Juan e Sempreviva. UFG, 2010. Disponível em:
http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol19/TRvol19a.pdf

SINHORI, João. GOMES, Cerize, A. S. **Literatura testemunhal na ditadura militar**:
conexões entre História e Literatura, Interfaces, p. 83-92, 2010.

VALLE, Maria, R. 1964-2014: **Ditadura Militar: história, memória e direitos humanos**.
Araraquara, 2014.

Disponível em:
[http://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/Apoioa
oEnsino/LaboratorioEditorial/serie-temas-em-sociologia-n7.pdf](http://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/serie-temas-em-sociologia-n7.pdf) Acesso em 09 set. de 2018.